Viagem Virtual ao Interior de uma Prisão Fechada

César Barros Leal

1. Introdução

Em 1990, Leticia Benítez Jiménez foi supostamente enforcada por suas próprias colegas de dormitório, logo após sua chegada à Casa de Detenção Provisória Norte Feminina, na cidade do México¹. Oito anos depois, em 1998, Luis Antônio Silva, pintor de paredes, encarcerado por engano numa delegacia em São Paulo, durante 45 dias conviveu com outros 35 presos, numa cela superlotada. Em seu depoimento à imprensa, afirmou que tinha muito medo de sofrer uma agressão física, de ser violentado e que, por ausência de espaço, dormia no banheiro, muitas vezes sobre os outros.²

Instigado pelos dramas de Luis Antônio e Leticia, proponho-me fazer uma viagem virtual, da qual, estimado leitor, você está convidado a participar. Transporte-me, na imaginação, como se condenado fosse, ao interior de uma prisão fechada. O que me espera?

Se não tiver a sorte de transpor os umbrais de uma ilha de graça num oceano de desgraça – porque elas de fato existem – cruzarei talvez as portas de um estabelecimento decrépito, superpovoado, promíscuo, onde, sob a vigilância de pessoas habitualmente despreparadas e corrompidas, serei apenas um algarismo e permanecerei sem tratamento individualizado (o que por si só simboliza a falência do sistema), desprovido de adequada assistência material, médica, social, religiosa e jurídica, sem trabalho, sem acesso a qualquer ati-

1 BRINGAS, Alejandro H. e QUIÑONES, Luis F Roldán. *Las Cárceles Mexicanas. Una Revisión de la Realidad Penitenciaria*. México: Grijalgo, 1998, p. 209

2 *Jornal Folha de São Paulo*, 29 de novembro de 1998

3 Sobre este tema: “Poderíamos concluir com Fishman: ‘tal como se encontram no presente, os cárceres (falando em geral) são gigantescos crisóis do crime. A seu interior se lança, sem ordem nem concerto, o velho, o jovem, o culpado, o inocente, o doente, o sadio, o empedernido e o escrupuloso; ali ficam para ser misturados com os subseqüentes ingredientes de mugre, pragas, frio, escuridão, ar fétido, superpopulação e mal serviço de encanamento; e tudo isso se cozinha até o ponto de ebulição através do fogo da mais completa ociosidade.’” (FISHMAN, Joseph F. *Crucibles of Crime*. New York: Cosmopolitan Press, 1923, p. 251, in MANZANERA, Luis Rodríguez. *La Crisis Penitenciaria y los Substitutivos de la Prisión*. México: Editora Porrúa, 1998, p. 133

vidade educativa, sem direito a remir minha pena, sem separação³ dos presos violentos, homicidas, latrocidias, seqüestradores, estupradores, delinqüentes de colarinho branco, usuários e traficantes de drogas, numa mistura flagrantemente contrária às leis, cuja invocação resulta risível por sua clamorosa inoperância.

2. Se tiver sorte

Se tiver sorte, talvez fique numa cela individual, uma possibilidade remota, porém não de todo desprezível, especialmente se disponho de dinheiro suficiente para bancar sua compra. Não sendo assim, compartilharei com um ou dois presos um espaço úmido, infecto, ou, na pior das hipóteses, ficarei numa cela múltipla, com um único vaso sanitário, junto com cerca de trinta a quarenta homens, alguns primários, outros reincidentes, forçados a fazer rodízio, a deitar-se em redes ou amarrar-se às grades, para poder dormir. E, de vez em quando, serei desalojado para que agentes penitenciários ou policiais militares procedam a uma revista, uma incerta, em busca de drogas ou de armas.

Se tiver sorte, não me tornarei um viciado em estimulantes, maconha, heroína, cocaína ou *crack* e minha esposa não será pilhada em flagrante, ao desnudar-se e flexionar seu corpo na presença de uma funcionária, ao transportar para mim uma pequena quantidade de droga em suas partes íntimas.

Se tiver sorte, meus companheiros de cela não padecerão de ataques epiléticos, não terão lepra, sífilis, tifo (a antiga febre carcerária), micose, hepatite C, diarreia, gonorréia ou cancro, nem serão tuberculosos pulmonares, neuróticos, depressivos ou alienados mentais.⁴

4 Um retrato em preto e branco dessa convivência se lê a seguir: “No momento de repartir o *lunch*, o louco, que posteriormente me inteirei que se chamava Cirilo, adiantou-se para receber sua ração. Em seguida, sentou-se em um canto para comer, e, quando concluiu, evacuou de medo na mesma xícara de alumínio na qual comia; logo agarrou um dos pães que tinha guardados em seus bolsos e o untou de merda como se se tratasse de manteiga e se pôs a comer, saboreando-o como se aquilo fosse um delicioso manjar. Depois que se fartou, começou a oferecer-nos a todos e como alguém o rechaçou bruscamente, levantou a xícara e a colocou na cabeça. A merda lhe corria por toda parte... Nas horas da noite, alguém lia um pedaço de jornal velho e quase desfeito à luz de uma vela, quando inesperadamente saltou um rato de regular tamanho do buraco. Foi vê-lo Cirilo e o agarrou com habilidade. Pôs-se a contemplá-lo e a beijá-lo, lhe dava beijos com a língua, porém, em um certo momento, o rato lhe deu uma mordida que lhe fez sair sangue de um lábio. Cirilo se enfureceu e de uma dentada lhe arrancou uma orelha, logo a outra. O rato chiava de forma impressionante e ao sacudir-se pela dor salpicava tudo de sangue. O louco ria e continuava despedaçando o

Se tiver sorte, não serei jogado, em couro, num calabouço sem lavatório nem cama, colchões ou cobertores, obrigado, por dias, meses ou anos, a dormir no solo frio, úmido, com infiltrações de água, baratas, piolhos, pulgas, percevejos e ratos, aonde não penetram os raios do sol e o odor de urina e excremento é insuportável.

Se tiver sorte não serei posto na mesma cela com um inimigo nem assaltado enquanto caminho pelas ruas, pelos corredores, sob a mira e a passividade cúmplice de quem tem a incumbência de vigiar e cuidar dos presos.

Se tiver sorte, não serei vítima de um atentado contra minha vida nem agonizarei durante horas à falta de um médico; e se presenciarmos um homicídio, selarei os lábios, tal qual os carcereiros que têm ordem, nos acertos da malandragem, para não interferirem.⁵

Se tiver sorte, não serei jurado de morte por outros presos e não implorarei uma MPS (medida preventiva de segurança) para ficar em isolamento, em exílio, como os povoadores do *Amarelo*, na já desativada Casa de Detenção (complexo de Carandiru), em São Paulo.

Se tiver sorte, não serei violado por dezenas de reclusos, muitos dos quais soropositivos ou aids, que me oferecerão, em troca de favores inconfessáveis, proteção contra os demais apenados.

Se tiver sorte, terei uma morte digna ao contrair uma doença grave e encontrar-me em fase terminal.

Se tiver sorte, não serei submetido a tortura para extrair confissões, com o uso renovado de métodos que se utilizaram sob o regime militar brasileiro: o telefone, ou seja, o golpe nos ouvidos com a mão em concha; o *pau-de-arara*, que consiste em amarrar a vítima com as mãos sob os pés e pendurá-la de cabeça abaixo numa barra de madeira ou metal, submetendo-a a espancamentos ou choques elétricos; a palmatória; a execução fingida; ou a imersão de cabeça em saco plástico cheio de água até o parcial afogamento.

Se tiver sorte, não cozinharei nem lavarei e engomarei a roupa de outros presidiários, nem tampouco servirei de táxi para malandros que me humilharão e se divertirão com minha fragilidade.

rato. Prossiguiu com as patas, a cabeça e as partes do corpo do animal. Tinha de ver a forma como aquele homem a saboreava como se estivesse comendo uma carne muito deliciosa..." (BEDOYA, José Raúl. *Infierno entre Rejas*. México: Posada, 1984, p. 81)

5 VARELA, Dráuzio. *Estação Carandiru*. São Paulo: Companhia das Letras, 1999, p. 115. Veja-se também: "A lei do silêncio é imperativa, pois se tu vês que estão apunhalando teu melhor amigo ou talvez teu irmão, se não queres correr sua mesma sorte tens que fazer como que não o vês e não o ouves, pois a lei da malta não perdoa os infiéis." (BEDOYA, José Raúl. Op. cit., p. 195)

Se tiver sorte, não me baterão por negar-me a infligir um castigo ou a agredir um preso, por imposição superior de quem não quer manchar as mãos; e talvez não prolongue indefinidamente minha estada na prisão, coagido a assumir um crime que não pratiquei.

Se tiver sorte, num tributo à interação sem conflitos, lograrei estabelecer bons contatos com o encarregado geral da faxina, aceitarei sua autoridade de juiz e os acordos tácitos impostos por sua confraria.

Se tiver sorte, poderei manter relações sexuais com minha esposa no pátio da prisão, cercado de colegas solidários, que ficarão de costas para mim, num círculo silente, incômodo, vexaminoso; ou o farei numa cela coletiva, onde se assegura a privacidade necessária com um jogo de lençóis e se eleva o volume do rádio para que não se ouçam os sons que emitiremos em nosso ato de amor.

Se tiver sorte, não serei filmado por câmaras ocultas, na área de visita íntima, para deleite de *voyeurs* que contemplarão cenas de intimidade com minha parceira, exibidas depois em canais de televisão aberta.

Se tiver sorte, não terei que ceder minha mulher ou minha filha virgem, no dia de visita, ao líder da cela, da rua ou do pavilhão, sob ameaça de sofrer represálias que poderão alcançar minha família, já vitimizada pelo desamparo a que se expôs com meu encarceramento, posto que fiquei impossibilitado de contribuir para o magro orçamento doméstico.

Se tiver sorte, poderei desfrutar do trabalho externo, do livramento condicional e de outros benefícios da lei, aos quais meus colegas soem não ter acesso, pela carência de assistência jurídica apropriada.

Se tiver sorte, não serei escolhido para dar minha própria vida, na macabra “loteria da morte”, que, em sinal de protesto, efetua-se pelas más condições do cárcere ou como mero pretexto para ajuste de contas entre membros de bandos delituosos.⁶

Se tiver sorte, não cumprirei uma condenação superior à fixada na sentença, por não ter sido expedido meu alvará de soltura, como um dos 111 massacrados, com disparos à queima-roupa, no pavilhão 9 da Casa de Detenção de São Paulo, aos 02 de outubro de 1992.

Se tiver sorte, não serei queimado vivo, como 9 detidos na Penitenciária Barreto Campelo, em Pernambuco, aos 29 de maio de 1998; ou como ocorreu com 13 reclusos na penitenciária de segurança máxima de Pirajuí, a

6 Nomes de quadrilhas famosas: Comando Vermelho, Terceiro Comando, Primeiro Comando da Capital, Amigos dos Amigos.

233 quilômetros de São Paulo, no dia 7 de fevereiro de 1999.⁷

Se tiver sorte, não cumprirei minha pena na Prisão *Urso Branco*, no Estado nortenho de Rondônia, onde, em dois anos, cerca de 100 presos foram assassinados; e meu corpo não será atirado ao vazio nem minha cabeça usada como bola numa partida de futebol.

Se tiver sorte, não serei decapitado e esquartejado, como 2 presos, durante um motim, num cárcere de Ribeirão Preto, a 315 quilômetros ao norte de São Paulo, em março de 2001; nem serei mutilado e degolado, como muitos dos 40 reclusos da Casa de Custódia de Benfica, na mais longa rebelião do Rio de Janeiro, em junho de 2004.

Se tiver sorte, serei transferido a um regime mais brando e alcançarei a liberdade. Sim, porque os regimes semi-aberto e aberto, na abjeta execução penal de nosso país, confundem-se às vezes com a liberdade e somente fortalecem a impunidade predominante, representada também pelas cifras negras da delinqüência e por milhares de mandados de prisão por cumprir, que superam o número de presos.

Se tiver sorte, terei dinheiro para que meu nome esteja diariamente na lista de frequência (sob pena de não se computar em minha pena) e possa ocupar uma cela ou uma tenda; assim, não serei um *sem teto*, como o foram centenas de indigentes, em *La Mesa*, em Tijuana, na fronteira do México com San Diego, EUA.

Se tiver sorte não serei lesionado a tiros ou com armas brancas, numa rinha sangrenta entre quadrilhas, tão comum nos paíóis que são os estabelecimentos penais de Morelia e Matamoros.

Se tiver sorte cumprirei cabalmente minha pena, disposto a puxar cadeia sem problemas, não perdendo de vista a inscrição do Cárcere de Belén, na Cidade do México: “O que nesta casa entrar, / ponha remédio em sua vida, / que em sua mão está a entrada / e na de Deus a saída.”⁸ Ou então fugirei com uma falsa carta de emprego, por um túnel ou pela porta de entrada como se fosse um visitante, num dos carros da lavanderia, ou num helicóptero, como o fez Joel Kaplan do estabelecimento penal de Santa Marta Acatitla, em 18 de agosto de 1971.

⁷ Revista *Veja*, 15 de fevereiro de 1989.

⁸ In TAVIRA, Juan Pablo de. *¿Por qué Almoloya? Análisis de un Proyecto Penitenciario*. México: Editora Diana, 1995, p. 32.

3. Convite

Pois bem.

Caro leitor. A realidade dolente da maioria das prisões latino-americanas, com sua teratológica indigência e sua rotineira desatenção aos direitos humanos, é lúgubre, assustadora e muito mais ultrajante do que esta breve incursão – pelos caminhos tortuosos de sua geografia – possa ter deixado entrever.